

Ultima Obra de Picasso



PARIS — Não se espantem! É apenas Pablo Picasso com sua última obra de arte, uma cabeça em brônze, exposta no Salão de Maio em Paris. (FOTO UNITED PRESS, — via aérea)

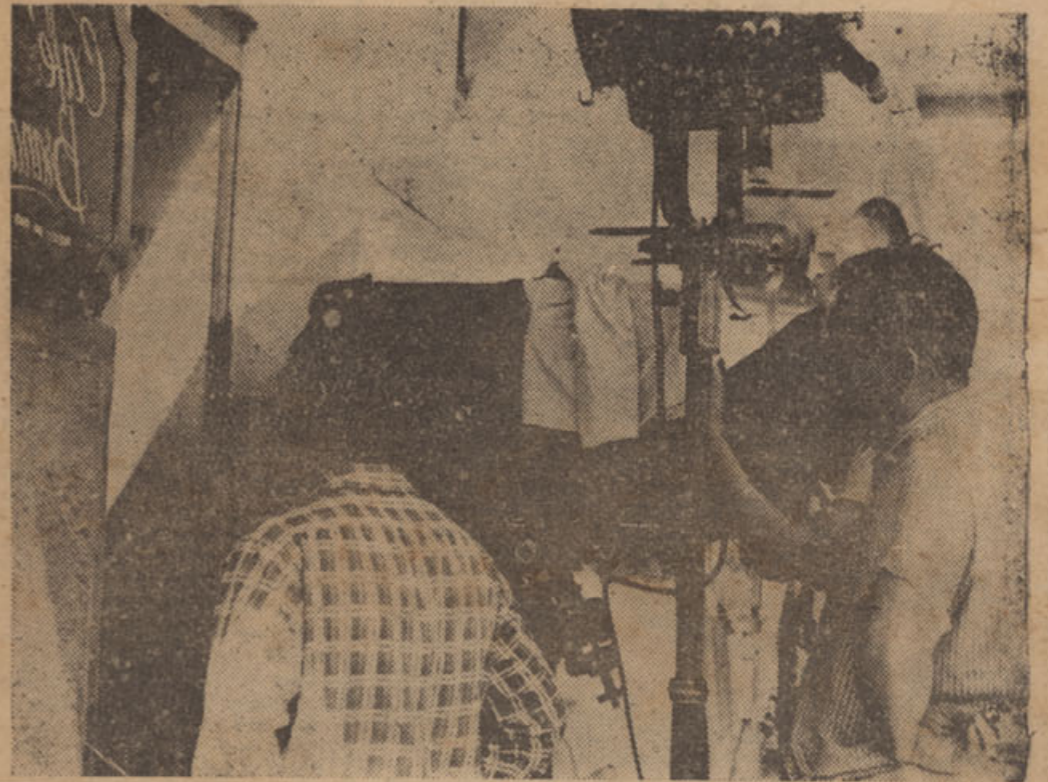
Trabalho Admirável de Cavalcanti no Filme "Simão o Caôlho"

De Regresso do Rio, Pancetti Conta Entusiasmado à Reportagem do DIÁRIO DA BAHIA as atividades Cinematográficas do Brasileiro Que se Fez Inglês Para Maravilhar o Mundo Cinematográfico — "Tico-Tico no Fubá", Embora Com Falhas, um Grande Passo do Nosso Cinema — Desejo de Filmar na Bahia — Mural de Portinari Para o Banco da Bahia — (LEIA NA TERCEIRA PAGINA)

Diário da Bahia

Suplemento

Cidade do Salvador, 1º de Junho de 1952



Critica de Fichario

A critica comparativa, por ser uma inovação, vem tendo larga aceitação por parte de nossa atual critica literária. Temos lido vários jovens criticos que adotam, como método, a comparação ou que, pelo menos, apregoam a sua adoção.

Claro que, como tudo que diz respeito a correntes, escolas e tendências, há os que ouvem cantar o galo e não sabem onde. São os eternos ingênuos, desses que embarcam nas primeiras ondas que se lhes apresentam. Naturalmente, sofrerão depois as consequências: mar alto, ondas revoltas, intranquilidade, nem leme, nem direção.

Aliás, esta critica, sem o método com que é modernamente praticada, implicitamente esteve no cerne de qualquer critica e, no capítulo das influências, ela existiu em estado latente, embora, nem sempre, em estado de graça. Durante o reboliço que presidia a nossa agora decadente escola modernista, o capítulo das influências teve momentos deliciosos de confusão. Criticos, comentaristas, noticiaristas e um batalhão inteiro de apreciadores de literatura, ao vislumbrar um "novo" qualquer, todos de faca e garfo nas mãos, procuravam arrancar a todo custo uma influenciuzinha na obra do novel escritor. E praticavam verdadeiras cesarianas, intervenções delicadíssimas, sutilíssimas transposições para se mostrar, por exemplo, que havia um dedinho de Carlos Drummond ou uma unha de Manoel Bandeira nos poemas do iniciante.

Não raro, aconceceram coisas assim: o novo poeta levava um punhado de versos a um incipiente medalhão. Este, como era moda, descobria uma influência qualquer e então se travava um diálogo mais ou menos da seguinte forma:

— Isto parece Sá Carneiro!
— Sá de que?
— Sá Carneiro, aquele poeta português. Você está muito influenciado por ele.
— Interessante! E eu que ainda não conheço este poeta. Preciso conhecê-lo!
Um simples adjetivo, usado ao mesmo tempo por dois autores, servia de ponte para que esta critica avançasse com seus crânios acusatórios de influências.

Mas voltemos à critica comparativa: convém assinalar a sua importante contribuição à literatura, com seus fichários e sua estatística. Claro que o abuso levará a erros e exageros que o tempo condenará, como já condenou a exacerbada critica naturalista e a pretenciosa critica psicanalista.

Há tempos, fomos, parece que em Fausto Cunha, ou melhor, seguramente em Fausto Cunha, a afirmação de que a poesia tem seus temas preferidos conforme a época e que estes temas incidem, embora sem um vigor absoluto, sobre o mar, a terra e o céu. E de que estamos no domínio do mar. Resolvemos então fazer a constatação.

Em primeiro lugar, fomos encontrar o nosso romantismo preocupado, de preferência com a terra (o romantismo nos veio logo após a nossa independência. É natural este êxito nacionalista à nossa terra e nossos homens), depois tivemos o parnasianismo fazendo coisas que se relacionavam com o céu, principalmente. (Poesia de uma tranquilidade aristocrática, sem qualquer problema econômico ou social. Os nossos parnasianos, então, viviam no ar, buscando a amplitude com as suas rimas bem arranjadinhas e o seu imperturbável logicismo); finalmente o modernismo, mormente nesta última fase, dedicou-se vigorosamente ao mar. Se não vejamos:

No romantismo, tempos primeiramente, Gonçalves Dias, o "poeta da natureza" por excelência. Uma simples florzinha dava-lhe motivo para três, quatro, páginas de versos. Cantou, com grande amor, as nossas palmeiras, as nossas selvas.

A paisagem, a beleza natural de nossa terra foi fartamente cantada pelos nossos românticos. Os termos de comparação, geralmente eram aves, flores, etc.:

"Eu amo essas lembranças, como o cisne Ama seu lago azul, ou como a pomba Do bosque as sombras ama"

(Bernardo Guimarães) Junqueira Freire escreve:

"Bem sei que te sorris com riso angelico, Como as aves do céu e a flor dos bosques"

Casimiro de Abreu chora a "ave sem ninho que suspira à tarde". O seu famoso poema "Meus Oito Anos" é um poema bucólico. Castro Alves parece que nos dá o motivo da inspiração romantica neste verso: "A natureza é uma harpa presa nas mãos de Deus". Casimiro dá título à sua obra de "Primaveras" e Bruno Seabra batiza seu livro com o título de "Flores e Frutos".

Passando ao parnasianismo vejamos como o céu (cordões, constelada esfera, na definição de Raimundo Corrêa) se liga às imagens, metáforas, comparações, eufemias à poesia da época. A linguagem é feita de estrelas, sóis, luas, astros, firmamentos, asas e constelações.

Em três sonetos de Luis Delphin, — "O Anjo da Fé", "Mulher Triste" e "In Her Book" vamos encontrar:

"Sonho de amor, estrela peregrina Por céus onde, se azulava primavera"

ou "Quando ela passa como um sol ou lua Rasgando o fundo azul do firmamento"

ou "Onde ela dorme o seu dormir ligeiro Como sono de estrela em céu profundo"

De Alberto de Oliveira, tiramos: "Sonhei-a; nuvem de intento arminho. Para levar-me ao, céu pelo caminho Bordado de astros da serena altura"

Raimundo Corrêa termina um poema cheio de evanescências da seguinte forma:

"E arguem por rias enluaradas Minhas sandálias, chispas a flux... Há pó de estrelas pelas estradas... Eu sigo às tontas, cego de luz..."

O "Círculo Vicioso" de Machado de Assis é um verdadeiro diálogo dos elementos siderais.

Olavo Bilac fala com ternura ao "pedoso céu, que a minha dor sentiste", este mesmo céu tropical que se arqueia "Como um teto de bronze infinito e quente". Isto, sem se contar com o seu famoso "Ora, direis, ouvir estrelas..."

O "rufar das asas" é uma im-

(Concluído na 3a. pag.)



NOVA YORK — Não é um marciano, e sim o gracinha do futuro, segundo as previsões da revista "Mechanix Illustrated". Usa capacete, colete e calça de um novo tecido de nylon, "Doron", duas vezes mais leve e duas vezes mais resistente que o aço. Almoça de borracha, utrotem e umha pompa e colco do fusil, bem como a sapinha e outras partes essenciais dos chaguet. (FOTO UNITED PRESS — Via aérea)

"Acontece Que Eu Sou Baiano" — Ele Que é Maior Cartaz do Radio Brasileiro: CAYMI



Compositor, Poeta, Músico
Pintor — Depois de Seis Anos Volta Saudoso Para Uma Breve Estadia na "Boa Terra" — O Maior Responsável Pela Divulgação da Bahia, Suas Lendas e Seus Costumes — "Lá Vem a Baiana", "Marina", "Dora", "O Mar", "O Que é Que a Baiana Tem", "Sábado de Copacabana" e Um Mundo de Composições — Como Jorge Amado Fala do Seu Companheiro de Infância

LEIA TEXTO NA TERCEIRA PAGINA

Platão e Mannheim ou "Intelligentsia" e Poder

A. L. Machado Neto

CRÔNICA DE IDÉIAS

"La pretensión es vieja — escreve José Medina y Echavarría — y fué formulada por Comte con vigor difícilmente superado" (12), no que vai mais além Javier Conde ao afirmar que toda uma longa tradição intelectual que vai desde o jurista medieval até o sociólogo contemporâneo teve como primordial preocupação a intenção de "positivizar al limite la realidad política" (13).

A diferença entre Comte e Mannheim é muito grande, não obstante a identidade das intenções de ambos nesse ponto. Em Comte encontramos a intenção de positivizar o conhecimento político como um complemento final ao processo de positivização de toda a realidade através da ciência da etapa positiva. Em Mannheim essa mesma intenção é uma maneira de evitar o caos, pois o clima que esta encontra é antes de desconfiança e derrotismo do que de otimismo, desconfiança esta que o procedimento ideológico chegou a implantar no próprio terreno do conhecimento, acusado então de refletir não mais a realidade como um fiel espelho, mas uma determinada situação e um determinado interesse de classe, nação, partido ou raça: a situação ou o interesse daquele que pensa.

Não podendo negar o fato do condicionamento, tratou Mannheim de medi-lo e aquilatar-lo, para que, conhecido o que numa determinada idéia ou teoria fosse verdade ou ideologia, pudessemos desprender esta daquele, libertando assim o precioso metal da ganga impura.

Como Marx, ele admite — embora reconheça outras influências além das relativas à classe social — que a posição econômica de cada indivíduo é o fator mais importante no complicado processo de condicionamento social da idéia. Assim se um indivíduo pertence às classes dominantes, seu pensamento — tal como pensara Marx — estará mais ou menos fa-



Uenas do gozadissimo filme "Simão, o Caôlho", que a Cinematográfica Maristela está rodando em seus estúdios no Jaçana e que conta com Mesquitinha, Rachel Martins e Carlos Araujo nos principais papeis. O filme é dirigido por Alberto Cavalcanti. Pancetti já viu várias cenas da película, tendo gostado muito, revelando que apresenta um grande passo da indústria cinematográfica brasileira, ainda que sejam encontradas algumas falhas, que, no entanto, não chegam a prejudicar o trabalho

RIMANCE LITORÂNEO

A PANCETTI!

ÁGUA SERENA,
AZUL PROFUNDO,
UM BARCO NAVEGA
SEM DEIXAR O MUNDO.

ALTOS VENTOS,
ILHAS ALÉM,
UMA VELA SÓ,
SEM NINGUÉM.

WILSON ROCHA
BAHIA, 7-II-52

talmente destinado a procurar a história no ponto onde ela está, favorecendo assim a sua classe social em seu proveito próprio. O contrário se dá com o membro das classes despossuídas, que desenvolvem uma teoria da história como evolução, interessado que está em que a história avance em favor de sua classe.

Dessas duas posições ideológicas extrai Mannheim os conceitos fundamentais de sua sociologia do conhecimento: a "ideologia", expressão das classes que detêm o poder econômico e político, e a "utopia", a ideologia das classes oprimidas e naturalmente revolucionárias. Sob a forma como nos são apresentadas pelo autor, "ideologia" e "utopia" podem ser reduzidas ao conceito marxista de ideologia, ou seja pensamento comprometido, expressão de uma situação de classe, incapaz por isso de aprender a verdade toda ou de refletir como um espelho esta mesma realidade que ela deforma e apresenta modificada como por uma máscara.

Até aqui o relativismo e a dúvida estão ainda no mesmo ponto onde os encontrou Mannheim ao iniciar a sua construção teórica. O expediente que ele utilizou para este mal já crônico foi ainda uma inspiração marxista.

Assim como Marx isolou e proletariou do processo de alienação ao qual o seu pensamento tinha submetido toda a humanidade da sociedade de classes, valorizando a sua ideologia como expressão do futuro homem total do comunismo evoluído, assim também Mannheim se viu forçado a optar por uma classe que segundo o seu pensamento racionalista estaria em condições de revelar a verdade, especialmente a verdade política.

A "Intelligentsia" foi a classe que escolheu Mannheim como aquela que mais desligada dos interesses sociais de classe e interesses, mais capacitada estaria para intentar a compreensão da realidade política e social, não mais em termos de ideologia, mas em termos de pura verdade.

Uma questão "inmediatamente" (Concluído na 4ª pag.)

